

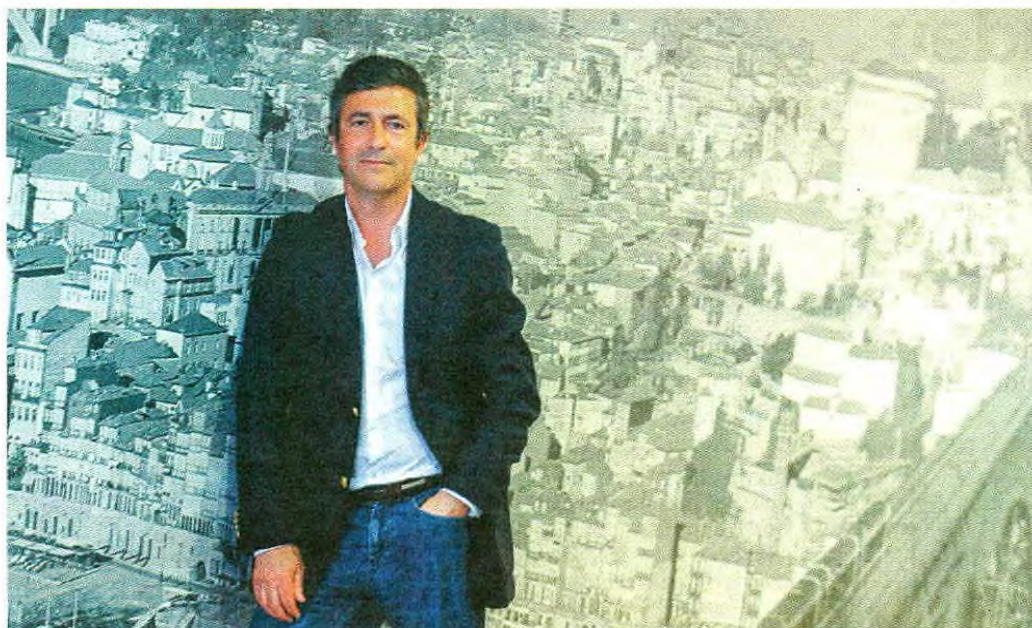
CISION®

PRESS BOOK

Clipping 2019-10-30

CISION®

1. Melchior finge deslocações para receber mais dinheiro, Jornal de Notícias, 30/10/2019	1
2. Ecovia de 4 quilómetros vai legar Faro a Olhão, Correio da Manhã - Correio da Manhã Algarve, 30/10/2019	2
3. Renda acessível vai ser moeda de troca para poder abrir alojamento local, Negócios, 30/10/2019	3
4. Taxa turística não pode ajudar os sem-abrigo, Jornal de Notícias, 30/10/2019	5
5. Votação do Regulamento do AL adiada em Lisboa, Público - Imobiliário, 30/10/2019	6
6. Imobiliário - como mudar de casa e fazer bons negócios, Visão, 31/10/2019	7
7. Da cozinha ao método científico, Publituris, 25/10/2019	14
8. A nova SET é extraordinariamente eficiente - Entrevista a Francisco Calheiros, Publituris, 25/10/2019	16
9. Com vista para o Atlântico, i, 30/10/2019	23
10. Meio milhão entope o Porto todos os dias, Jornal de Notícias - Jornal de Notícias - Porto, 30/10/2019	24
11. APECATE realiza congresso em Faro, Opção Turismo Online, 30/10/2019	27
12. Património algarvio esculpido na SandCity, Correio de Lagos Online, 30/10/2019	28
13. Em novembro centro histórico de Faro transforma-se num festival de luz, Algarve Primeiro Online, 30/10/2019	29
14. LUZA muda-se para Faro e aposta forte na arte interativa, Sul Informação Online, 30/10/2019	30



Arguido está em prisão preventiva há um ano e o Ministério Público insiste em manter medida de coação

Melchior finge deslocações para receber mais dinheiro

Ex-presidente do Turismo do Porto e Norte de Portugal desmentido através de talões de portagens em locais incompatíveis com viagens-fantasma

Alexandre Panda
alexandre.panda@jn.pt

OPERAÇÃO ÉTER Melchior Moreira, ex-presidente do Turismo do Porto e Norte de Portugal (TPNP), acusado, com outros 20 arguidos, de crimes de participação económica em negócio, abuso de poder, peculato, recebimento indevido de vantagem e falsificação de documentos, terá inventado deslocações de trabalho para poder receber ajudas de custo a que não tinha direito. O ex-vice-presidente do TPNP e antigo autarca de Lousada, Jorge Magalhães, assim como Isabel Castro, chefe de departamento operacional da entidade e amiga próxima de Melchior, também são acusados receber indevidamente dinheiro com deslocações.

De acordo com a acusação do Ministério Público (MP), a que o JN teve acesso, o arguido, atualmente em prisão preventiva, aproveitou o facto de existir no TPNP um sistema de pagamento de quilómetros, efetuados

em viaturas próprias, que os responsáveis tinham de fazer em representação da entidade.

No exercício de funções, e apenas nessa qualidade, tinha de preencher um boletim de itinerário (BI) onde deveriam constar os elementos da deslocação, com hora de saída e de regresso e local de destino. O valor das ajudas de custo era dependente da distância percorrida e da duração da viagem.

Para o MP, Melchior preencheu BI que não correspondiam à realidade ou que eram mesmo totalmente fictícios para poder receber mais dinheiro.

VIAGENS DESDE 2017

O primeiro exemplo dado nas 330 páginas de acusação aconteceu em fevereiro de 2017. O ex-presidente do Turismo preencheu um BI alegando ter feito uma deslocação, a 2 de fevereiro, a Santa Maria da Feira, sendo que na véspera apresentou outro BI como tendo estado em Espanha, numa deslocação ao estrangeiro. Mas a PJ

encontrou os talões de portagens, verificando que, quando Melchior alegava uma deslocação a Santa Maria da Feira, ainda estava a regressar de Espanha.

Ainda em relação a deslocações, Melchior Moreira terá usado um carro do TPNP para viagens particulares, usando a Via Verde paga pelo Estado. Já o BMW, segundo o MP, foi pago pelo TPNP através de uma falsificação de objeto do contrato com um concessionário. O veículo foi disponibilizado mediante a dissimulação de um contrato de publicidade, porque o TPNP não podia legalmente comprar um carro. Melchior terá usado a viatura em dias feriados e domingos e gastou 122 euros em portagens a que não tinha direito.

Também o ex-vice-presidente Jorge Magalhães terá usado um carro oficial em feriados e domingos, com custos de Via Verde de 248 euros, além de também ter preenchido BI fraudulentos para receber ajudas de custo dos cofres do TPNP. ●

PORMENORES

Acusado de corrupção

Tal como o JN noticiou, os crimes de corrupção imputados a Melchior Moreira estão relacionados com patrocínios concedidos ao Vitória de Guimarães e Sp. Braga em troca de um possível apoio para a presidência da Liga de futebol profissional.

“Equívoco”

Júlio Mendes, ex-presidente do Guimarães e um dos acusados na Operação Éter, disse que a troca de publicidade por apoio na corrida à Liga é um “equívoco”. “Essa é uma tese completamente descabelada. O presidente da Liga era, na altura, eleito pelos presidentes dos 18 clubes da I Liga e pelos 20 da II Liga. Eram 38 presidentes. Isso não lembra ao diabo. Só quem não sabe do que está a falar faz uma acusação dessas.

MOBILIDADE. PROJETO

Ecovia de 4 quilómetros vai ligar Faro a Olhão

OBJETIVO ➤ Estimular o uso da bicicleta como meio de transporte diário e não apenas em lazer
APROVAÇÃO ➤ Projeto sujeito a parecer de várias entidades por integrar área de parque natural

RAFAEL DOMINGUES

Uma ecovia com aproximadamente quatro quilómetros de extensão e três metros de largura vai ligar a zona do Bom João, em Faro, à entrada da cidade de Olhão. O objetivo é estimular o uso da bicicleta como meio de transporte diário, para além do uso habitual em lazer e turismo.

Na passada semana, a Câmara de Faro assinou um contrato com a sociedade Landscape Office, no valor de 33 mil euros,

AUTARQUIA PAGA 33 MIL EUROS PELA ELABORAÇÃO DO PROJETO DA ECOVIA

para a elaboração do projeto desta ecovia do litoral, numa área que integra o Parque Natural da Ria Formosa (PNRF). O prazo para a entrega final da maquete é de seis meses.

“A ecovia pretende articular percursos da natureza com troços de circulação restrita e condicionada, na sua maioria acessos que já existem”, referiu ao CM fonte da autarquia farense. O município definiu com a em-



Via vai ter uma extensão de quatro quilómetros e irá ligar a zona do Bom João, em Faro, à entrada da cidade de Olhão



Ecovia vai ligar duas cidades e visa estimular uso de bicicleta no dia a dia

presa contratada que, no projeto, deveria constar a proposta do atravessamento das linhas de água e a definição do percurso da ecovia, com pelo menos duas alternativas viáveis para a ligação entre as duas cidades algarvias, bem como a apresentação das diferentes fases do projeto dentro dos prazos estabelecidos.

Ao longo dos quatro quilómetros de trajeto, está previsto o aproveitamento de percursos já

existentes e que respeitem as condicionantes do PNRF e da linha férrea. Antes da aprovação final do projeto, cabe a entidades como a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, Águas do Algarve, Infraestruturas de Portugal, Parque Natural da Ria Formosa e Associação Portuguesa do Ambiente emitirem parecer favorável para que a obra possa avançar. ●

Renda acessível vai ser moeda de troca para poder abrir AL

Proposta de Medina para o alojamento local prevê a possibilidade de imóveis reabilitados poderem ter novas unidades em zonas de contenção se também oferecerem arrendamento acessível. Câmara vota regulamento esta quarta-feira.

FILOMENA LANÇA

filomenalanca@negocios.pt

A Câmara de Lisboa poderá autorizar, a título excecional, novas unidades de alojamento local em zonas de contenção desde que esteja em causa a reabilitação de edifícios em ruínas ou devolutos há mais de três anos nos quais, além de arrendamento a turistas, exista também arrendamento permanente para habitação com renda acessível. Esta é uma das medidas constantes da proposta de regulamento do alojamento local que Fernando Medina leva esta quarta-feira a reunião de câmara e que integra os contributos da consulta pública e medidas resultantes das negociações entre o PS e a oposição na câmara, nomeadamente com o Bloco e o PCP.

Tal como o Negócios já avançou, do regulamento resultará uma cidade dividida em 16 zonas turísticas homogêneas, das quais seis entrarão de imediato em contenção, ou seja, não poderão integrar novas unidades de alojamento local até que a sua situação venha a ser revista pela autarquia.

Na prática, e comparando com a versão inicial, há duas novas zonas turísticas homogêneas: o bairro das Colónias e o bairro dos Atores e Arroios. A primeira



Fernando Ferreira

Regulamento do alojamento local para Lisboa vai esta quarta-feira a votação.

entra em contenção relativa e a segunda por enquanto não ganhará restrições, mas fica criada e, se o rácio entre alojamento para turistas e alojamentos para habitação permanente o vier a justificar, então poderá entrar também em contenção.

Há ainda uma outra diferença relevante, que resultou das negociações à esquerda: a zona da Baixa e eixos da Avenida da Liberdade, Avenida da República e Avenida Almirante Reis entra também para o lote das zonas de contenção absoluta, deixando de ser considerada zona terciária, para co-

mércio e serviços e com baixa densidade populacional. Na verdade, e de acordo com os números da câmara, nesta zona 34,4% dos alojamentos estão já dedicados ao alojamento local, o que – defende a esquerda e o PS aceitou – justifica a contenção total. No bairro das Colónias, a percentagem de unidades de alojamento local é já de 14,9%. No bairro dos Atores e Arroios, área fortemente residencial, não chega a 5%.

Com as alterações, Medina garantiu que Bloco e PCP não votam contra e que, quando muito, se abstêm. À direita, a posição conti-

nua a ser a de votar contra. João Pedro Costa, do PSD, sublinha que as alterações justificam que se abra um novo período de consulta pública. “Todas as pessoas têm direito a participar, porque se alteram os seus direitos de utilização do património”, diz. E a proposta do PSD é que então se avance agora com a proposta inicial e, depois, se faça uma alteração ao regulamento, já com a devida consulta pública. Uma proposta que não deverá ser aceite, uma vez que dessa forma o PS perde o apoio da esquerda de que precisa para fazer passar o regulamento. ■

negócios

negocios.pt

Quarta-feira, 30 de outubro de 2019 | Diário | Ano XVI | N.º 4110 | € 2,50
Diretor **André Veríssimo** | Diretor adjunto **Celso Filipe**

10 ANOS DE BITCOIN

A onda gigante ainda está por apanhar
O testemunho de três investidores
Ganhos continuam livres de impostos

PRIMEIRA LINHA 4 a 9



Benoit Tessier/Reuters

Falta de medidas põe em causa futuro da ADSE

Tribunal de Contas critica inação do Governo e prevê que subsistema entre em défice já no próximo ano. Excedentes vão esgotar-se em 2026.

ECONOMIA 10 e 11

Portugal perde liderança nos carros menos poluentes

EMPRESAS 14 e 15

BP defende aumento dos preços das licenças de CO2

EMPRESAS 16

Renda acessível vai ser moeda de troca para poder abrir alojamento local

HOME PAGE 2

Airbus investe 40 milhões e cria 240 empregos em Santo Tirso

Fábrica vai produzir componentes para assentos de passageiros e pilotos.

EMPRESAS 17

Negócios é Portugal

Viseu, o concelho que não pára de crescer



Visabeira reclama "uma rodovia e ferrovia melhores"



Almeida Henriques: "Esta obra no IP3 é um paliativo"



SAK joga no negócio das caneiras personalizadas

SUPLEMENTO



Com o apoio: **Santander**

Ambiente decide hoje aeroporto do Montijo

ÚLTIMA 32

CASINO SOLVERDE .PT



500 jogos online

Publicidade



Taxa turística não pode ajudar os sem-abrigo



Pessoas sem-abrigo numa das ruas de Lisboa

Câmara de Lisboa recusa usar receitas turísticas para apoiar pessoas nesta condição, mas promete mais verbas

Sofia Cristino
locais@jn.pt

DISCUSSÃO As receitas provenientes da taxa turística da capital não vão servir para ajudar a retirar os sem-abrigo da rua. Mas a Câmara de Lisboa garante que a verba municipal destinada a esta área de intervenção “vai ser muitíssimo reforçada”. A promessa foi deixada, na Assembleia Municipal de Lisboa (AML), ontem à tarde, pelo vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa (CML), João Paulo Saraiva, no final da discussão de uma petição para que o Município destine 10% das receitas turísticas ao apoio dos sem-abrigo.

A subscrição, entregue em Maio, com 1993 assinaturas, esteve em análise na AML, e apesar de receber apoio da Esquerda à Direita, não avançou.

“Toda a gente sabe que não se pode utilizar a taxa turística de uma forma qualquer”, explicou João Paulo Saraiva, referindo-se à ilegalidade do uso desta receita para fins diferentes

dos inicialmente previstos (como o reforço da higiene urbana, por exemplo).

Américo Nave, primeiro subscritor da petição e diretor da associação de intervenção comunitária Crescer, alertou para “a crescente dificuldade em encontrar casa para sem-abrigo em Lisboa”, o que “há 10 anos não acontecia”.

O dirigente da Crescer, que trabalha com os sem-abrigo desde 2002, elogiou, por um lado, o investimento feito pelo Município desde 2013 “ao criar variadíssimas respostas focadas nestas pessoas”, mas, por outro lado, criticou o desinvesti-

mento nestas políticas desde há quatro anos. “Desde 2016, esta linha de investimento deixou de ser seguida”, lembrou. Neste momento, exemplificou, “já deveriam existir 150 casas para sem-abrigo, no âmbito do programa Housing First, e 20 camas em apartamentos partilhados”, mas “mantemo-nos nas 80 casas e os concursos públicos para os apartamentos não arrancam”, advertiu.

FINANCIAMENTO

Vários deputados da Assembleia Municipal (PCP, CDS-PP, MPT, PPM, BE, PAN, PSD e independentes) entrevistaram, deixando todos claro que é necessário encontrar outras formas de financiamento para que estas pessoas não continuem na rua.

No final da discussão, foi aprovada por unanimidade uma recomendação à Assembleia Municipal de Lisboa, na qual é requerido um reforço da verba do Plano de Atividades e Orçamento dos próximos anos para o apoio aos sem-abrigo. ●

CONTAGEM

361

pessoas estão em situação de sem-abrigo em Lisboa. O vereador dos Direitos Sociais, Manuel Grilo, ambiciona tirá-las todas da rua até 2021.



Votação do Regulamento do AL adiada em Lisboa

A votação sobre o Regulamento Municipal do Alojamento Local foi adiada para dia 30 de outubro. A oposição pede mais tempo para analisar o documento.

O regulamento deveria ser votado esta quinta-feira, mas PSD e CDS pediram o adiamento, segundo noticia alguma comunicação social, depois de o PS ter incluído no documento uma proposta do BE para colocar a zona da Baixa, Avenida da Liberdade e Almirante Reis numa zona de contenção.

Esta medida foi incluída depois de várias negociações, já que o bloco “tornou pública a sua intenção

de não viabilizar este regulamento caso a proposta não sofresse alterações”, referiu o BE esta semana. Nas zonas em causa, o rácio entre AL e habitação é de 34%.

Segundo a proposta do Regulamento Municipal a votação, além destas áreas, também a Graça, Bairro das Colónias, ou a zona envolvente da Avenida Almirante Reis deverão inserir-se numa área de contenção própria.





TERRA DE OPO

Vender a casa na cidade e partir para um local mais tranquilo, ou simplesmente mudar de bairro... Em tempos de bons negócios, fomos conhecer quem se aventurou e ainda lucrou com isso

 MARISA ANTUNES





RTUNIDADES





D

Dois dias foi quanto bastou para a família Simplício vender a bom preço a sua casa, um T4 nas Colinas do Cruzeiro, empreendimento para um segmento mais alto, em Odivelas, e pôr mãos à obra para em breve iniciarem uma nova vida, totalmente diferente daquela que viveram nos últimos 20 anos.

Hoje, desdobram-se entre o trabalho de sempre como empresários na área da tecnologia e gestão e uma nova rotina – o acompanhamento das obras de uma casa de sonho que estão a construir na Margem Sul, à qual não irá faltar a piscina, uma zona de barbecue e uma generosa área ajardinada, onde já se imaginam com os dois filhos e os amigos dentro de um ano, quando a moradia ficar concluída.

O mercado imobiliário de Lisboa e de alguns concelhos limítrofes têm vindo a passar, nos últimos anos, por uma valorização sem igual que está a levar muitas pessoas a venderem as suas casas a valores impensáveis até há bem pouco tempo, iniciando vida nova noutras freguesias. Como é o caso de António e de Ana Simplício e dos seus dois filhos.

Estamos na Verdizela, concelho do Seixal, uma zona de moradias durante muito tempo destinada a casas de férias, mas que, nos últimos dois anos, sofreu uma revolução na procura de lotes de terreno para construção, uma boa parte para primeira habitação. Por todo o lado se vê movimentação de obras privadas, com casas em constru-



FAMÍLIA SIMPLÍCIO

VIDA NOVA
PERTO DA PRAIA

“É cíclico: em cada dez anos, mudamos de casa. Mas desta não sairemos assim tão cedo”, gracejam António e Ana Simplício, que encontraram o terreno perfeito, na Verdizela, a cinco minutos da sua praia de eleição – a Fonte da Telha – para construir a sua vivenda de sonho. Adquirido por 150 mil euros no ano passado, o *timing* parece ter sido perfeito, dado os preços que agora já se estão a praticar neste mercado, fruto da procura nos últimos meses. “Ainda na semana passada, o banco avaliou este terreno por 278 mil euros!”, contam.

A FAMÍLIA
SIMPLÍCIO
VENDEU UM
T4 EM
ODIVELAS EM
APENAS DOIS
DIAS



ção e placas de "Vende-se" em vários lotes. Mas é uma movimentação, por enquanto, tranquila, onde os carros passam espaçadamente e se consegue sentir o ar mais puro, apesar da A2 e da Ponte 25 de Abril.

Uma das casas atualmente em construção é a da família Simplício. A oportunidade de se lançarem nesta nova etapa surgiu há pouco mais de um ano pela simples observação do frenesim imobiliário que os rodeava. Além do T4 em Odivelas, onde residiam há dez anos, a família possuía também um T2 em Telheiras, no Parque dos Príncipes, comprado há 20 anos quando se casaram e que mantiveram arrendado quando se mudaram para Odivelas, na altura em que a família cresceu. "Um dia, durante o jantar, comentámos sobre a quantidade de casas vendidas à nossa volta, das placas das mediadoras que tão rapidamente saíam pouco depois de serem colocadas. Questionámo-nos se nos dariam exatamente aquilo que queríamos pela nossa casa e resolvemos avançar com uma espécie de valor-teste. Em dois dias vendemos o apartamento de Odivelas", recorda o empresário.

O apartamento tinha sido compra-

do há dez anos por cerca de 300 mil euros e foi vendido por 465 mil euros para uma pessoa que, em Odivelas, só queria mesmo comprar naquele prédio. Em Telheiras, a operação não foi tão rápida, mas em dois meses fechou-se a transação por 400 mil euros.

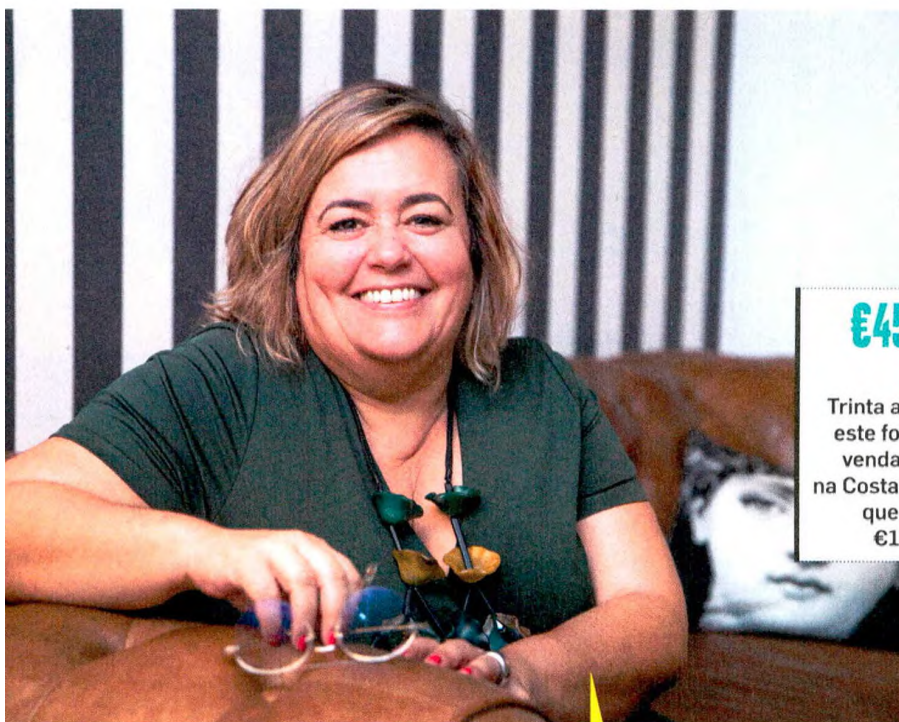
Concretizadas as vendas das duas casas, seguiu-se a procura por terrenos a bom preço numa localização privilegiada para construir de raiz, "uma opção cada vez mais procurada, porque comprar já pronto, com qualidade e a bom preço, é cada vez mais difícil", diz Ana Simplício, realçando que todo o processo está a ser muito tranquilo, pois enquanto a obra da nova casa, vai decorrer vão manter-se na antiga casa agora como inquilinos, uma vez que o atual proprietário vive em Moçambique.

O terreno de 1 250 metros quadrados (onde só lhes é permitido erigir uma habitação com um máximo de 250 metros quadrados), adquirido na Verdizela por 150 mil euros, vai permitir construir a casa ideal por 400 mil euros, reforça a empresária: "O arquiteto do atelier A3A Arquitectos desenhou exatamente o que nós queríamos: uma casa toda feita de acordo com a exposição solar, com uma cozinha e uma sala amplas e uma zona mais resguardada para os quatro quartos. A piscina, durante os meses de verão, vai apanhar sol o dia todo."

A flexibilidade de horários como empresários por conta própria eliminou o grande inconveniente da Margem Sul, aponta ainda Ana: "Os engarrafamentos não são uma questão para nós. Imagino o nosso futuro próximo com muito sossego, onde os sons que ouvimos não são os das buzinas e das travagens dos carros, mas os dos pássaros, e onde ao final do dia, nos meses de verão, podemos ainda dar um mergulho na praia da Fonte da Telha, a quatro quilómetros daqui."

MUDAR DE BAIRRO

João Pedro Conim, consultor da Remax Prestige e mediador numa das casas transacionadas pelo casal Simplício (a de Telheiras), trabalha na área imobiliária há cerca de cinco anos e tem acompanhado este "fenómeno" crescente de nacionais atentos a boas oportunidades. "Durante muitos anos, em Lisboa e em zonas mais periféricas, praticamente ninguém ganhava dinheiro com as casas e acabavam por vendê-las ao preço a que as tinham



€450 MIL

Trinta anos depois,
este foi o valor da
venda de um T4
na Costa da Caparica,
que custara
€100 mil.



comprado ou pouco mais. Mas, entretanto, começaram a ficar mais curiosas e a perceber que podiam obter uma mais-valia interessante quando a casa tem uma boa localização, o que lhes permite não só comprar outra casa como até investir numa segunda habitação", conta o consultor, dando como exemplo uma venda fechada há pouco tempo num prédio recente de Telheiras, que permitiu à família comprar um outro apartamento de dimensão idêntica mas mais antigo, a cinco minutos de distância, no Lumiar, e ainda sobrou dinheiro para obras de remodelação e uma piscina na casa de férias que possuem na Ericeira.

Também significativa foi a valorização da casa da família Miranda no centro de Lisboa. O apartamento localizado num prédio de 1962, do Bairro Azul, a dois passos do El Corte Inglés e da Fundação Gulbenkian, sofreu uma valorização de 250 mil euros em apenas 16 anos. Quando foi adquirido, em 2003, o imóvel datado e muito compartimentado passou por obras profundas de cerca de 100 mil euros, que fizeram agora a diferença na hora de vender.

A dona da habitação, Cristina Miranda, é designer de interiores e redesenhou o apartamento ao pormenor, convencida, na altura, de que aquela seria uma casa para a vida. "As casas não são apenas investimentos, são também aquilo que somos. E valeu a pena – mais

FLORBELA TIBÚRCIO

VENDER A CASA POR CINCO VEZES MAIS DO QUE CUSTOU

A proprietária de uma ótica em Lisboa nem queria acreditar quando João Conim, da Remax Prestige, lhe garantiu que a antiga casa de férias na Costa da Caparica, que tinha custado 100 mil euros aos seus pais, valia hoje quase cinco vezes mais. Colocada no mercado em fevereiro, já estava vendida em junho, a um casal português, para primeira habitação. Com o dinheiro, Florbela Tibúrcio amortizou a sua casa e comprou o carro.

de uma década depois o apartamento continua atual", realça Cristina.

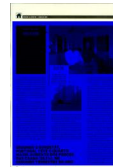
A decisão de colocarem a casa à venda surgiu não tanto pelo aproveitamento da dinâmica imobiliária que existia em Lisboa, mas pela vontade de ficarem mais perto do colégio onde andam os dois filhos e, por isso, quando apareceu o apartamento precisamente na zona que desejavam, em Telheiras, não hesitaram. O imóvel de construção recente, com 13 anos, custou 620 mil euros.

Entretanto, e já com quase um ano de vivência no novo apartamento, o balanço é positivo, realça Cristina: "Os nossos filhos vão a pé para a escola e têm amigos que moram no bairro. Com esta casa, ganhámos uma garagem para dois carros e um terraço enorme, do qual já desfrutámos neste último verão."

PREÇOS DAS CASAS EM ALTA

Novos, reabilitados ou usados, a procura de imóveis continua alta (apesar de ter desacelerado 6,6 por cento). Só entre abril e junho deste ano, foram transacionadas 42 590 habitações a nível nacional. Em valor, atingiu-se os 6,1 mil milhões de euros em apenas três meses, segundo números do Instituto Nacional de Estatística.

A Área Metropolitana de Lisboa (AML) concentrou 46,3% do valor total das habitações transacionadas nesse período, tendo-se seguido a Região Norte, com 23,2 por cento. Números divulgados, este mês, pelo Eurostat mostravam que Portugal teve o quarto maior aumento dos preços das casas (10,1%) no segundo trimestre do ano, em termos homólogos, mais do dobro do acréscimo registado na Zona Euro e na União Europeia (4,2 por cento). Os maiores aumentos dos preços das casas foram registados na Hungria (14%), no Luxemburgo (11,4%) e na Croácia (10,4%).



FAMÍLIA MIRANDA

MUDAR DE BAIRRO

Miguel e Cristina Miranda tinham um apartamento no Bairro Azul, paredes-meias com a Fundação Calouste Gulbenkian, que venderam com uma mais-valia de 250 mil euros. "Quisemos mudar para estar perto da escola dos miúdos, em Telheiras, mas se a opção fosse comprar uma casa na mesma zona, num edifício reabilitado e com garagem, não pagaríamos menos de 850 ou 900 mil euros", dizem.



€620 MIL

O valor de um T4 em Telheiras com garagem para dois carros e um terraço de áreas generosas.



No entanto, o mercado tem sofrido alterações nos tempos mais recentes: "Há dois anos e meio, vendíamos imóveis todas as semanas. Às vezes nem tanto. Por diversas vezes, eu cheguei a vender a casa logo na primeira visita, quando a localização era muito central. A estrangeiros e a nacionais que, nessa altura, pesavam de igual forma na minha carteira de clientes", continua João Pedro Conim.

Hoje, o peso dos estrangeiros na sua carteira é mais reduzido e o ritmo médio de vendas é mais alargado, rondando atualmente os três meses. Na Remax Prestige, uma das mais dinâmicas da rede, os cerca de 110 consultores que ali trabalham angariam uma média de 200 imóveis por mês. E a maior parte dessas casas está a ser adquirida por nacionais. "Neste momento, os portugueses representam 70% da minha carteira, e tenho de tudo: clientes com casas muito grandes e que querem algo mais pequeno, porque os filhos cresceram e já lá não estão; a situação inversa: famílias a crescer e que não dispensam escritório e terraço; aqueles que

querem comprar em Lisboa, mas não abdicam de ter garagem; os que estão em processo de divórcio; investidores, etc.", conta João Pedro Conim.

Foi ele que deixou Florbela Tibúrcio surpresa quando lhe garantiu que a sua casa de férias, um T4 na primeira linha da Costa da Caparica, tinha atualmente um valor de mercado na ordem do meio milhão de euros. "Nem queria acreditar! O apartamento, com 30 anos, tinha sido comprado por 100

mil euros pelos meus pais para casa de férias", recorda Florbela, proprietária de uma ótica no centro de Lisboa.

A cobertura – do último piso de um condomínio com piscina e uma vista aberta para toda a zona ribeirinha de Lisboa até Cascais – acabaria por ser vendida em quatro meses por 450 mil euros a um casal português, para primeira habitação. "Fomos muito felizes naquela casa, e o meu pai chegou a viver lá em permanência quando se reformou", recorda Florbela. Nos anos mais recentes, já depois do falecimento do pai, a empresária chegou a colocar a casa no Airbnb, "com muito sucesso nos meses de verão, apesar de precisar de obras de renovação".

O bom momento do mercado ajudou-a a avançar para a venda, até porque a família deixou de usufruir do imóvel a partir do momento em que este entrou para o circuito do arrendamento de curta duração: "Já não fomos capazes de desfrutar da casa da mesma maneira, não era a mesma, estava descaracterizada. E a necessidade de obras e de manutenção era algo que me sufocava."

Com o dinheiro da venda acertou hipotecas, amortizou o empréstimo da sua habitação em Oeiras, comprou um carro e pagou "uma batelada" em mais-valias: "Cerca de 55 mil euros, um horror, mas já não queria mais investimentos, queria livrar-me desse peso." Para a história fica um bom negócio, com tantos que se fazem, agora que Portugal se tornou uma terra de oportunidades. visaoimobiliario@visao.pt

SEGUNDO O EUROSTAT, PORTUGAL TEVE O QUARTO MAIOR AUMENTO DOS PREÇOS DAS CASAS (10,1%), NO SEGUNDO TRIMESTRE DO ANO

A NEWSMAGAZINE MAIS LIDA DO PAÍS

WWW.VISAO.PT

IMOBILIÁRIO
COMO MUDAR
DE CASA
E FAZER BONS
NEGÓCIOS

FIGURAS
CINCO VILOES
QUE MARCARAM
A NOSSA HISTÓRIA

**DULCE MARIA
CARDOSO**
"A MELHOR
MANEIRA
DE CONTAR
A VERDADE
É INVENTAR
A MELHOR
MENTIRA
QUE A SIRVA"

VISÃO

Natureza

A TERAPIA TRANQUILA

AS CAMINHADAS EM AMBIENTES SELVAGENS SÃO O MELHOR ANTÍDOTO,
E O MAIS BARATO, PARA O STRESSE E A ANSIEDADE.
O QUE DIZ A CIÊNCIA E OS CONSELHOS DOS ESPECIALISTAS

9 TRILHOS INESQUECÍVEIS EM PORTUGAL





HISTÓRIAS DO TURISMO



“Recuamos à I República, quando a Repartição do Turismo, a Sociedade Propaganda de Portugal e os empresários hoteleiros realizaram, em Lisboa, o I Congresso Nacional de Hotelaria (1917)”



Jorge Mangorrinha
Investigador em História do Turismo

Da cozinha ao método científico

As Universidades, os Institutos Politécnicos, as Escolas do Ensino Superior e as Escolas Técnico-Profissionais vêm dando ao turismo muito do seu talento, através das investigações e estudos consequentes e dos alunos que se enquadram no sector. Capacitar o turismo nacional e internacional com recursos humanos bem preparados, com condições e modos de acolhimento qualificados e com meios promocionais eficazes tem sido, historicamente, um desafio permanente para os gestores e para o ensino em Portugal, mas este deve ser rigoroso, verdadeiramente adequado, técnica e cientificamente, a cada nível. O que não pode acontecer é a “cozinha” sobrepor-se ao método científico, no Ensino Superior, e a História

do Turismo ser absolutamente secundarizada, nos diversos níveis de ensino.

As escolas devem ser vistas como lugares de convergência, como aprendizagem da história, como conhecimento técnico e científico transdisciplinar e, muito importante, como aperfeiçoamento do comportamento cívico. Se assim não for, estamos a desvirtuar a pedagogia em turismo e o percurso histórico até aqui criado, em Portugal.

Recuamos à I República, quando a Repartição do Turismo, a Sociedade Propaganda de Portugal e os empresários hoteleiros realizaram, em Lisboa, o I Congresso Nacional de Hotelaria (1917), notável acontecimento, no qual, de entre as conclusões, foi aceite uma moção tendente à aber-



“Capacitar o turismo nacional e internacional com recursos humanos bem preparados tem sido, historicamente, um desafio permanente para os gestores e para o ensino em Portugal”

tura de uma Escola de Hotelaria e Turismo. O empresário Alexandre de Almeida seria um defensor acérrimo desta ideia. Era preciso investir na hotelaria, em mais e melhores hotéis, com um funcionamento de qualidade, que exigia formação a todos os níveis e em todas as áreas funcionais.

A partir de 1924, o Guia de Turismo passa a chamar-se Guia-Intérprete e a dispor de um estatuto socioprofissional. A Repartição de Turismo e José de Ataíde, bem como a Sociedade Propaganda de Portugal, consideraram importante e difícil o exercício profissional de um Guia-Intérprete, das grandes exigências de cultura geral que devia ter e o perfil próprio que devia mostrar, porque essa qualificação era assaz significativa em



»»»



“Depois da II Guerra Mundial, o turismo é observado, não só como divertimento, mas também como indústria”

termos da imagem do país. As Escolas de Formação tiveram o cuidado de incluir, nos seus programas curriculares, a história, as artes, a literatura, a geografia física e administrativa do país, a geografia geral dos continentes e dos países, a língua inglesa e a língua francesa e um corolário de conhecimentos básicos em arqueologia, gastronomia e vinhos, etnografia, folclore e arte popular.

Depois da II Guerra Mundial, o turismo é observado, não só como divertimento, mas também como indústria, a necessitar de organização administrativa, investimento público e privado e de ensino. A partir dos anos 1950, em Portugal, sucessivas gerações de jovens foram sendo sensibilizados e formados dentro e fora do país, nas múltiplas linhas de prestação de serviços que o turismo e a sua rede envolvente multidisciplinar iam absorvendo. Os industriais da hotelaria obrigaram-se a custear a formação de jovens com vocação e aptidão, enviando-os para o estrangeiro, sobretudo para a Suíça, com destino às escolas de Clion (Montreux) e de Lausanne. O

“Decálogo” suíço passou a ser o Código de Honra dos directores hoteleiros portugueses.

Decálogo do Director de Hotel:

1. Tem a tua casa cuidada como se tu, sozinho, a habitasses.
2. Procura relacionar-te com os teus clientes logo à chegada ao teu hotel, proporcionando-lhes toda a comodidade e fazendo jus à sua confiança.
3. Lembra-te que tens de servir os teus clientes e não suportá-los.
4. Um cliente satisfeito é o teu agente de publicidade, mas basta um descontente para desviar a água do teu moinho.
5. Não permitas que o teu cliente saia da mesa insatisfeito ou com fome.
6. Uma gentileza ou favor prestados a um cliente conquistam o seu reconhecimento e asseguram o seu regresso.
7. Não descures a manutenção exterior e interior do hotel. A degradação afasta.
8. Não sejas avarento, mas recusa ser perdulário.
9. Um desconto ou uma simples atenção vale mais do que uma recusa mesmo que o teu benefício não seja vantajoso.
10. Aprende a dizer ao turista “até à vista, até sempre”, para que ele não diga adeus!

Nesses anos 50, o litoral mediterrânico de Espanha conhecia uma profunda e nova realidade e, mimeticamente, o Algarve arrancaria, na década seguinte, obrigando-se a superar as dificuldades relativas às comunicações (rodoviárias, aéreas e ferroviárias), ao alojamento hoteleiro e similar, à rede de abastecimento alimentar, comércio e serviços de apoio, à rede de cuidados de saúde e, também, à instalação do ensino especializado. A pionei-

ra Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa fora inaugurada como velho sonho de Alexandre de Almeida, a coincidir com a criação da Junta de Turismo da Costa do Sol (1957-1979),

que também, no ensino, seria uma âncora formativa fundamental. É da “Costa” de outros tempos que vos falarei no próximo artigo. **P**

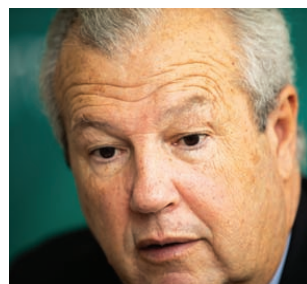
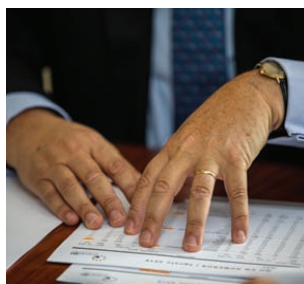
** O Publituris manteve a grafia original
Nota: Ao longo do próximo ano, publicamos histórias dos 100 anos do turismo, da autoria de Jorge Mangorrinha*



Francisco Calheiros desvaloriza o facto de existirem mais ministros e secretários de Estado neste governo. Para o presidente da Confederação do Turismo de Portugal, “o importante é que seja eficiente”.

“Promoção do ministro da Economia a número dois do Governo é uma ótima notícia”

Carina Monteiro / carina@pubblituris.pt • Fotos: Frame It



Com as promoções de Ana Mendes Godinho a ministra do Trabalho e Pedro Siza Vieira a número dois do Governo, o presidente da CTP diz-se satisfeito “com esta orgânica” e elogia a nova secretária de Estado do Turismo, que conhece das suas atividades empresariais: “Pelos contactos que tive pessoalmente com ela, as expectativas são muito boas e penso que vai ser uma agradável surpresa neste governo”.

Os números do INE até agosto indi-

cam um crescimento de dormidas, hóspedes e proveitos. O turismo continua a crescer em Portugal apesar de se ter previsto um abrandamento. Que leitura faz destes resultados?

Tivemos um período de cerca de dez anos em que não crescemos nos três indicadores e, em 2012, começámos a crescer, e a crescer muito, quer nas dormidas, hóspedes e receitas. Isto durou até 2017, inclusive. Gostava de chamar muito a atenção para isto: houve um período de grande crescimento. Algumas pessoas, a começar



“Já tivemos o nosso Brexit. Em 2018, o mercado britânico desceu 7,5%. Em 2019, é o mercado alemão que está a descer”

por mim, disseram que esse período tinha chegado ao fim. Mas o ciclo de crescimento não acabou, esse continua mas mais moderado. Em suma, o ano de 2018, 2019 e espero que o ano de 2020, são anos de crescimento, mas de menor crescimento. Essa é a primeira questão.

Até o mês agosto foi um bocadinho melhor do que estávamos à espera. Estávamos à espera de um crescimento muito moderado e não foi. A segunda questão que gostaria de destacar relativamente a 2018 e 2019 tem a ver com os mercados. Te-



nho dito várias vezes que já tivemos o nosso Brexit, ou seja, em 2018, o mercado britânico desceu 7,5%. Em 2019, é o mercado alemão que está a descer, embora não seja uma descida tão acentuada. Mas houve engenho e arte para substituir essa perda, quer de britânicos, quer de alemães, por outro tipo de turistas, como sejam os canadianos, coreanos, brasileiros e, sobretudo, os americanos, que são clientes que nos interessam imenso, porque têm uma estada maior e gastam mais.

Há uma região que não regista crescimento. A Madeira. O que é que prevê que possa acontecer ao destino com esta consecutiva baixa de números?

Os mercados principais da Madeira são o inglês e o alemão. E são justamente os mercados que baixaram em 2018 e 2019, respetivamente. Ainda para mais estamos a falar de um destino que é dependente do transporte aéreo. Além disso, houve a questão das falências das companhias aéreas que prejudicou o mercado da Madeira. A questão dos atrasos e cancelamentos, por causa das características do aeroporto, também é relevante. Temos sete regiões e seis a crescer, a Madeira não está. Um dos desafios que o novo Governo e a Secretaria de Estado Turismo têm pela frente é inverter esta tendência negativa da Madeira. É uma prioridade.

O Algarve continua com uma resiliência bastante diferente. Ajuda a questão do golfe. Aproveito para dizer que era muito importante visitar a questão do IVA no golfe. Volto a dizer, quem paga o IVA do golfe são os estrangeiros, porque 90% das voltas é de estrangeiros. Um golfista normalmente vem para jogar todos os dias. Pagar ou não IVA faz diferença no preço. Quando ele opta por outro destino concorrente, não perdemos só o golfe, perdemos alojamento, restauração, rent-a-car. Se baixássemos o IVA iríamos captar muito mais turistas e hóspedes que



iriam consumir, por exemplo, alojamento.

A falência da Thomas Cook vai ter impacto nos números da atividade turística em Portugal neste último trimestre?

A Thomas Cook está a ter um efeito financeiro complicado, porque ao fechar em final de verão, deixou por pa-

gar o verão a uma série de unidades hoteleiras. Penso que, a prazo, a Thomas Cook será substituída. Por exemplo, a Springwater comprou toda a parte da Thomas Cook na Bélgica. Esse espaço vai ser ocupado. Não eram relevantes as reservas para final deste ano no mercado português.

Fala-se muito do incoming, mas os

portugueses também continuam a viajar para fora. Espera que se mantenha este cenário, com a nova legislação?

A nível de confederação faz mais sentido falar de incoming. O nosso objetivo é criar condições para trazer mais turistas para Portugal. Mas penso que é muito importante falar do outgoing no sentido do mercado inter-

Pedro Siza Vieira

"O ministro Pedro Siza Vieira é um ministro muito competente, com quem se pode dialogar facilmente. É um número dois que vai ser muitas vezes número um, quando Portugal presidir ao Conselho da União Europeia em 2021"



Ana Mendes Godinho

"O turismo é um belíssimo exemplo para os outros setores de atividade no que diz respeito ao bom entendimento entre setor privado e público. Isso foi reconhecido pelo Governo, com a nomeação da Ana Mendes Godinho para ministra"



Rita Marques

"Conheço-a das minhas atividades empresariais enquanto foi presidente da Portugal Ventures. Posso adiantar que é uma pessoa extraordinariamente eficiente, muito simples e muito rápida no raciocínio"





no. O mercado português é o mercado número um de Portugal. Quando o turista português vai para a Madeira, Açores ou Algarve é exatamente igual ao turista estrangeiro e é um turista que até gasta. O mercado nacional estava a diminuir o peso no número de dormidas e, este ano, em alguns destinos, como o Algarve, o grande responsável pelo crescimento foi o mercado interno.

Novo Governo

Qual a leitura que faz da constituição do novo governo? Temos mais ministros e mais secretários de Estado. Isto não vai de encontro à reforma do Estado que enquanto presidente da CTP defende.

São questões diferentes. Temos um Governo maior que o anterior, mas o importante é que seja eficiente. Se tivermos mais dois, três ministros ou mais cinco secretários de Estado o valor disto na máquina do Estado é zero.

Uma nota para falar da anterior secretária de Estado do Turismo, Ana Mendes Godinho. O turismo é um belíssimo exemplo para os outros setores de atividade no que diz respeito ao bom entendimento entre setor privado e público. Isso foi reconhecido pelo Governo, com a nomeação da Ana Mendes Godinho para ministra.

Como terceira nota, gostaria de destacar a promoção do atual ministro do Estado, da Economia e da Transição Digital a número dois do Executivo. É uma ótima notícia, porque, como dizia um colega meu, é mais economia e menos finanças. O ministro Pedro Siza Vieira é um ministro muito competente, com quem se pode dialogar facilmente. É um número dois que vai ser muitas vezes número um, quando Portugal presidir ao Conselho da União Europeia, em 2021. É uma pessoa muito ligada às empresas e sabe as suas dificuldades. Em quarto lugar, não posso deixar de comentar a nomeação da nova secretária de Estado do Turismo, Rita Marques. Conheço-a das minhas atividades



empresariais enquanto foi presidente da Portugal Ventures. Posso adiantar que é uma pessoa extraordinariamente eficiente, muito simples e muito rápida no raciocínio. As expectativas para a sua atuação enquanto secretária de Estado do Turismo são muito boas e penso que vai ser uma agradável surpresa neste governo.

Que comentário faz ao facto de não ter sido criado um Ministério do Turismo?

Penso que faz sentido haver um Ministério do Turismo, mas não só do turismo: um Ministério do Turismo e dos Transportes, por exemplo. A partir do momento em que tenho o ministro da Economia como número dois do Governo, estou contentís-



“Um dos desafios que o novo Governo e a Secretaria de Estado Turismo têm pela frente é inverter esta tendência negativa da Madeira. É uma prioridade.”

simo com esta orgânica.

O que é que o anterior executivo deixou por fazer e o que falta fazer?

Em relação aos temas gerais há duas ou três questões fundamentais. A primeira é a demografia. Hoje em dia a CTP fala muito do problema demográfico. Não vale a pena inventarmos o que quer que seja se não combatermos seriamente o problema demográfico. Somos o país mais envelhecido da Europa, estamos a definhar, qualquer dia temos uma pessoa para dez pensionistas. E se às vezes há problemas difíceis de combater porque não se sabe qual a forma de o atacar, não é o caso da demografia. As mulheres em idade de ter filhos não têm por duas razões: porque não têm dinheiro para os ter e porque não têm onde os pôr.

A segunda questão tem a ver com a reforma do Estado. Muitas empresas sofreram grandes reestruturações nos últimos anos, nomeadamente durante o período da troika. Olhando para o Estado, o que mudou na Educação, na Justiça ou na Segurança Social? O Estado tem de se reinventar. Penso que há aqui um princípio, uma vez que o Dr. Pedro Siza Vieira também vai tutelar a Transformação Digital. O Estado, como grande empregador e prestador de serviços que é, tem que se reestruturar, no sentido de poder dar um serviço melhor e mais barato. Para quê? Para baixar a carga fiscal, temos de baixar a carga fiscal quer das famílias quer das empresas. Temos de aproveitar este tempo, em que temos as taxas de juro em níveis históricos, por exemplo, para, por um lado pagar a dívida do Estado, e, por outro, aliviar a carga fiscal.

E no caso concreto do turismo?

A questão do aeroporto é determinante. É do aeroporto da Portela que vão turistas para o Alentejo, Centro, e até para os Açores e Madeira. Ainda estamos na fase final do Estudo de Impacte Ambiental, mas conforme a ANA já disse, entre começar as obras e acabar, são três anos. Como é que vamos fazer se não começarmos esta



questão? As obras na Portela têm permitido aumentar a capacidade do aeroporto e isso é um ponto positivo. Mas penso que o aeroporto tem de ser claramente uma das principais prioridades.

Outra das prioridades é esta: ao estarmos a substituir turistas ingleses e alemães por turistas não Schengen

Não é fácil, porque a maior parte das atividades turísticas são 365 dias por ano. Envolve fins-de-semana, feriados e trabalho noturno.

Uma quarta nota, tem a ver com a fiscalidade concreta da dedutibilidade do IVA nos congressos e incentivos. É uma luta muito antiga que a APAVT tem tido e nós temos tentado ajudar.

da Secretaria de Estado do Turismo. Embora não tenha os números, não tenho dúvidas em afirmar que foi de certeza um sucesso. Medidas com esta são bem-vindas e esperamos que continuem a acontecer.

Novo Aeroporto

Falou destes dossiers durante os



(brasileiros, americanos, canadianos e coreanos) estamos a aumentar o problema do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras no aeroporto. Este problema não é aceitável. Uma das prioridades deste Governo é resolver de forma definitiva a questão do SEF. A terceira questão tem a ver com as pessoas. Faltam-nos pessoas. Temos de formar e valorizar os trabalhadores. Quando digo valorizar, falo de tudo: o aumento do salário é uma forma de valorização assim como a formação. Temos que captar o talento que existe em Portugal para o turismo. Temos todos de fazer mais.

A APAVT tem sido muito contundente neste sentido. Portanto, é uma luta que não devemos abandonar. Finalmente, a capacitação das empresas. Ou seja, saídos do período da troika, as empresas estão mais sólidas, mas temos de continuar nesta senda. O Turismo de Portugal lançou as "Obrigação Turismo 2019", um instrumento financeiro ao qual várias empresas do setor concorreram, com uma taxa extraordinariamente atrativa, um empréstimo a sete anos, em que os cinco primeiros são de carência de capital. É uma grande iniciativa do Turismo de Portugal e



“Faltam-nos pessoas. Temos de formar e valorizar os trabalhadores. Quando digo valorizar, falo de tudo: o aumento do salário é uma forma de valorização assim como a formação”

almoços que a CTP promoveu com três dos candidatos às eleições legislativas, incluindo com António Costa. Que resposta obteve? Porque em alguns pontos António Costa não foi muito claro.

Não concordo. Em primeiro lugar, elaborámos um documento interno com a participação dos associados que enviámos a todos os candidatos dos partidos com quem nos relacionamos. Nesse almoço, o Dr. António Costa disse uma série de coisas. Interpelado por um associado, disse que não ia mexer no IVA da restauração, isso foi uma grande conquista,

não nos podemos esquecer. Interpelado pelo Bernardo Trindade, disse que não ia mexer no IVA da hotelaria. Tenho conversas com o Dr. António Costa e tenho expectativas muito concretas que o problema SEF, que é gravíssimo, seja resolvido no próximo ano.

A minha questão ia nesse sentido, estes almoços e documentos que elaboram que resposta obtêm do Governo?

Relativamente ao aeroporto, é claramente uma prioridade do Executivo. Aliás, o Primeiro-ministro foi atacado e mal-entendido pelos outros partidos quando disse que não há plano B. O que ele quis dizer é que temos de ir para o Montijo já. Cada dia em que abrimos um dossier, seja Alcochete, Beja, Alverca, Monte Real, perde-se. Não tenho nenhuma dúvida. Há muito pouco tempo, o Dr. Pedro Nuno Santos fechou a pista

17/35 que permitiu uma quantidade de novos voos. O aeroporto vai ser de desígnio nacional.

Portanto, tem havido diálogo entre o governo e a CTP?

Muito.

A CTP esteve muito concentrada na questão do aeroporto nesta legislatura, insistindo sempre na urgência da solução. A decisão está tomada, o próprio António Costa disse que não há plano B. Vai manter esta bandeira ou eleger outras nesta nova legislatura?

Vamos ser claros, não vou largar o aeroporto. Dei uma entrevista em que dizia só para de falar do aeroporto quando vir os caterpílares no Montijo. Em março do ano passado disse ao Publituris que começava a ter dúvidas se o novo aeroporto iria acontecer em 2022. Já não tenho dúvidas. Não vai. Enquanto não vir o



“O voo de Doha teve seis meses para ser aprovado, uma ligação com muito interesse, não havia slots. Isto não pode acontecer.”



pacote Portela e Montijo fechado, ou seja, tudo a acontecer, a força aérea a sair, as obras a começar, vou continuar a insistir neste tema.

Não tem receio de que a CTP fique colada só a esta questão do aeroporto e pareça que não há mais vida além do aeroporto no turismo?

Falámos tanto em legislação laboral, como no aeroporto. Mas o tema é este. O dossier da legislação laboral acabou. Uma coisa é certa: os turistas têm que aterrar, 88% dos nossos turistas estrangeiros vêm por via aérea. O voo de Doha teve seis meses para ser aprovado, uma ligação com muito interesse, não havia slots. Isto não pode acontecer. Está tudo feito, está tudo preparado, os empresários foram buscar os turistas aos sítios mais recônditos, temos uma oferta de qualidade, depois temos este problema: não têm como chegar. Não é uma questão de ficar colado ou não:



este problema é um problema vital. Falei muito mais da legislação laboral este ano do que do aeroporto. Só que a legislação já foi ao parlamento, já está aprovada. Mas há uma questão com qual as pessoas têm de se habituar, muito do trabalho das confederações, tirando as posições públicas que tomamos sobre a atuação do Estado, a fiscalidade, o aeroporto, a legislação laboral, é silencioso, é um trabalho de bastidores, essa é a nossa função.

No âmbito da reforma do Estado e de descentralização, as Entidades Regionais de Turismo (ERT's) poderiam ganhar mais poderes?

Fez-se um caminho longo para chegar aqui. Este modelo de cinco mais duas está bastante consolidado. Essa é a primeira questão. A segunda é que entre as ERT's e as Agências Regionais de Promoção Turística (ARPT's) ainda há um caminho a percorrer. Pessoalmente, admito que não me faz confusão que o responsável da ERT possa ser o mesmo



“Se entender, em abril de 2021, fazer um novo mandato, posso fazê-lo. Mas vou responder-lhe com a maior sinceridade, é muito cedo para falar.”

da ARTP. Penso que esse tema não está discutido e devia ser. As regiões estão mais preocupadas com o problema das cativações, que é um problema dramático, que é umas das prioridades que temos de olhar no princípio deste governo e ao longo do próximo ano. Mas devíamos discutir qual é que deveria ser o modelo ideal para as ERT's e ARPT's. Numa política de descentralização, penso que, depois de ultrapassado o momento em que se definiu o modelo para as ERT's e ARPT's, ou seja, se há uma estrutura fundida ou não, e de estarem perfeitamente a funcionar e representativas dos interesses, não me escandaliza minimamente que haja alguma descentralização de poderes para essas novas realidades.

A CTP alterou recentemente os seus estatutos, permitindo que o presidente faça quatro mandatos. Isso quer dizer que pode candidatar-se novamente. Vai fazê-lo?

Há bastante tempo, uma série de empresários, muitos ligados à ho-

telaria, acharam que o trabalho da confederação estava a correr bem, mas a CTP tem uma limitação de três mandatos, contrariamente à CAP, que não tem qualquer limitação, à Confederação do Comércio, que tem de doze anos, e igual à CIP, que tem nove, mas que já tem uma assembleia marcada para passar para doze. Nesse sentido, não gostariam que fosse por via administrativa que existisse um impedimento de continuar se essa fosse a vontade. Nesse sentido, promoveram uma assembleia geral para propor aos associados que pudesse haver mais um mandato de três anos. Essa assembleia ocorreu há um mês e meio, houve uma votação favorável de mais de 90% dos votos. Isso quer dizer que, se entender em abril de 2021 fazer um novo mandato, posso fazê-lo. Mas vou responder-lhe com a maior sinceridade, é muito cedo para falar. É muito tempo. Agora temos grandes desafios, vai ser um princípio de ano muito intenso. Daqui a um ano podemos voltar a falar sobre o tema. **P**



Diretora: Carina Monteiro • Ano XLVII • Periodicidade: Quinzenal • Preço: 7,00 euros • Uma publicação PUBLIOTEL | WORKMEDIA

PUBLITURIS

P

VIAGENS Helsínquia

E UM MAR (BÁLTICO) DE POSSIBILIDADES

pág. 16-20

o jornal da indústria do turismo • www.publituris.pt • desde 1968

1404 - 25 outubro 2019

Visabeira Turismo entra em Lisboa

Jorge Costa, presidente da Comissão Executiva da Visabeira Turismo revela os planos de expansão.

ALOJAMENTO
pág. 46-52



Dubai acolhe Expo 2022

Pela primeira vez um país dos Emirados Árabes Unidos vai receber a maior exposição do mundo.

DESTINOS
pág. 24-26



LONDON
4-6 November 2019

OFICIAL MEDIA PARTNER

“A nova SET é extraordinariamente eficiente”

Francisco Calheiros elogia a nomeação de Ana Mendes Godinho para Ministra do Trabalho e Pedro Siza Vieira como número dois do Governo. Em entrevista, o presidente da CTP fala ainda dos desafios da próxima legislatura.

DESTINOS
pág. 08-14

rolapico
MAIS DO QUE VIAGENS, TEMAS

SIGA-NOS

A CONTAR OS DIAS PARA O FIM DE ANO?

MARRAKECH
HOTEL IBEROSTAR CLUB PALMERIAE MARRAKECH
837€

MARRAKECH 5 DIAS
RE LIVE COLLECTION MARRAKECH ADULTS ONLY
954€

AVIS

APRESENTAMOS O NOSSO LADO MAIS ECO

- VIATURAS COM BAIXAS EMISSÕES
- KILOMETRAGEM ILIMITADA
- ALUGUERES FLEXÍVEIS: UM DIA OU LONGA DURAÇÃO
- QUALIDADE AVIS

WE TRY HARDER
800 20 10 02 | AVIS.COM.PT



COM VISTA PARA O ATLÂNTICO

A classe média também precisa de habitação

Como bem lembra a música de Sérgio Godinho, só há liberdade quando houver a paz, o pão, habitação, saúde, educação.



Carlos Carreiras

As cidades das duas maiores áreas metropolitanas do país estão a sofrer uma enorme pressão nos preços da habitação. Seja por fenómenos como o alojamento local, potenciado pelos números recorde no turismo, seja pela procura externa de cidadãos que se querem radicar no nosso país, o metro quadrado da habitação explodiu.

Esta dinâmica tem sido positiva para o setor dos serviços e, em especial, para a reabilitação urbana. O brilho das luzes do turismo é tentador e tem sido um dos principais responsáveis pelo crescimento do PIB. Contudo, ele não pode desviar a atenção dos decisores públicos de uma bomba-relógio que já está armadilhada nas nossas cidades: a incapacidade de as famílias de classe média, profissionais que servem os serviços públicos (médicos, professores, etc.) e jovens encontrarem uma habitação que lhes permita, se não concretizar, pelo menos idealizar um projeto de felicidade.

Portugal é o segundo país da OCDE – em breve liderará a lista – onde o salário mínimo mais se aproxima do salário mediano do país. Ou seja: os portugueses são, genericamente, muito mal pagos. Em sentido contrário, o imobiliário tem conhecido uma valorização sem precedentes. Resultado: nas principais cidades, as famílias têm 60% do

seu rendimento disponível afeto à renda ou à prestação da casa.

É uma percentagem altíssima que deve gerar muita preocupação.

Preocupação social, porque as famílias de classe média, a espinha das nossas sociedades (e comunidades), estão a deixar as cidades em busca de habitação que possam pagar sem terem de viver com os juros da banca atados ao pescoço.

Preocupação demográfica, porque os jovens não conseguem sair de casa dos pais para iniciar vida ou, quando saem, ou partilham casa ou dedicam 75% do seu rendimento disponível a uma renda.

Preocupação económica, porque as famílias estão demasiado expostas a eventuais mudanças nas taxas de juro que, muito rapidamente, as deixarão sem margem para acomodar choques – o que, por seu turno, acaba por ser um problema de sustentabilidade para a banca e para a economia nacional como um todo.

Como se responde a este problema? A resposta só pode vir dos poderes públicos. Não podem ser os privados a suportar o custo social da habitação como

aconteceu, anos a fio, com as rendas congeladas. É o Estado o garante da habitação, como está (bem) inscrito na lei de bases, depois de o ter consagrado como direito constitucional.

É neste contexto que Cascais tem liderado a reforma das políticas de habitação à escala municipal. Temos concluído o Plano Municipal de Habitação, radicalmente novo.

Estamos a investir 150 milhões de euros em novas casas a preços controlados. Quando o nosso plano estiver concluído, em 2025, teremos 1300 habitações para classe média e 400 residências universitárias em diversos pontos do concelho.

A nossa política segue uma tendência hoje comum nas sociedades avançadas. Em Viena, 62% dos cidadãos vivem em habitação pública. Em Inglaterra, como ainda ontem noticiava o *Guardian*, as autarquias estão a construir 13 mil novas habitações – são precisas 300 mil.

Perguntará o leitor: como é que uma câmara municipal consegue baixar os custos da habitação e torná-la acessível à classe média?

Percebamos que o bolo final de uma casa é composto por quatro fatias: terreno, construção, licenças/impostos e lucros do construtor. Quando os poderes públicos fazem habitação estão a cortar três das quatro fatias: lucro, licenças e terreno. O custo da habitação é a construção.

É assim que conseguimos democratizar o acesso à habitação, cumprindo os preceitos constitucionais.

Do ponto de vista conceptual, o plano aponta para uma mudança de perspetiva: o foco não é a habitação social, mas sim a função social da habitação.

Quando falamos em habitação públi-

ca somos intuitivamente conduzidos para a habitação social. A habitação social tem sido, historicamente, uma ferramenta nem sempre bem-sucedida na descontinuação da pobreza. Esse papel deve ser reforçado.

Mas quando falamos de função social da habitação estamos a remeter para algo diferente. Como fazer o melhor uso do espaço público? Como criar, a partir da habitação, condições para a promoção da natalidade? Como contrariar a bolha imobiliária e permitir que os jovens e as famílias se emancipem e cumpram os seus projetos de felicidade? Como podemos transportar os princípios da economia circular e da partilha para o mercado da habitação?

É para estes e outros desafios que estamos a criar respostas.

Para que, 45 anos depois da revolução, se cumpra Abril no direito à habitação.

Como bem lembra a música de Sérgio Godinho, só há liberdade quando houver a paz, o pão, habitação, saúde, educação.

Temos a consciência de que só estamos a iniciar um caminho.

Cascais tem na habitação social apenas 2,5% do total do parque habitacional do concelho e é, ainda assim, um dos maiores do país.

O plano que está agora a ser lançado levará a que essa percentagem suba apenas para os 4%.

Estas 1300 casas são só o princípio. Mas sabemos que todos os caminhos começam pelos primeiros passos. São esses que estamos a dar.

Presidente da Câmara Municipal de Cascais

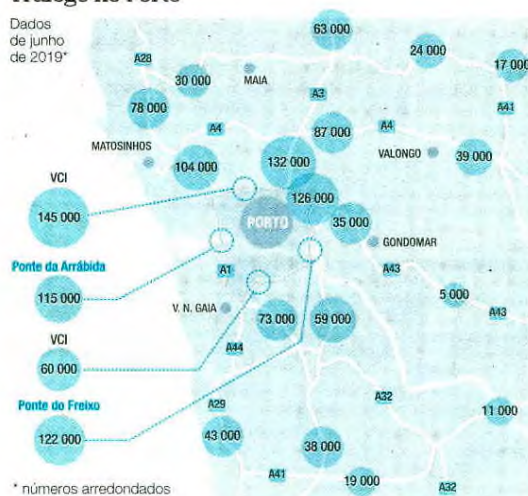
Escreve à quarta-feira

Estamos a investir
150 milhões de euros
em novas casas a preços
controlados. Em 2025
teremos 1300 habitações
para classe média e 400
residências universitárias
em diversos pontos
do concelho



Tráfego no Porto

Dados de junho de 2019*

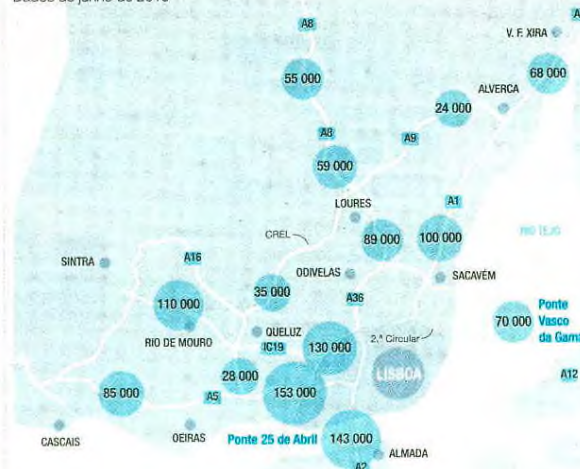


* números arredondados

FONTE: RELATÓRIO DE TRÁFEGO NA REDE NACIONAL DE AUTOESTRADAS

Tráfego em Lisboa

Dados de junho de 2019*



Mais de meio milhão de carros entope o Porto todos os dias

Horas de ponta deixaram de existir e movimento mantém-se constante ao longo do dia. Via de Cintura Interna sobrelotada em vários troços

Adriana Castro*
adriana.castro@jn.pt

MOBILIDADE Todos os dias circulam no Porto quase 600 mil carros. Os principais acessos da cidade estão permanentemente congestionados, de tal forma que o conceito de “hora de ponta” já não existe. A confusão está instalada a todas as horas e basta o mais pequeno acidente para mergulhar o trânsito no caos. As entradas estão entupidas: só pela ponte da Arrábida chegam diariamente 113 mil carros e pela do Freixo 118 mil.

Com a forte procura pelos centros urbanos, as circulares já começaram a funcionar acima da sua capacidade, como é o caso da Via de Cintura Interna (VCI), no Porto. Os carros que entram na Invicta juntam-se aos que, diariamente, já circulam na cidade e que José Pedro Tavares, professor da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto e diretor do Laboratório de Análise de Tráfego, estima serem cerca de 400 mil.

José Pedro Tavares explica que a VCI “deveria funcionar como uma rede distribuidora para a cidade”. “Mas, muitas vezes, o que acontece é que, estando ela preenchida, as pessoas fogem para a rede local”, contribuindo para os engarrafamentos na cidade que, só por si, já aumentaram com a quantidade de obras em curso no Porto, explicou.

Na VCI o valor médio de veículos que anda por volta dos 113 mil. “Em certas secções da via temos números superiores à sua capacidade. Já a CREP – Circular Regional Exterior do Porto tem números cinco vezes menores do que a VCI”, refere José Pedro Tavares, justificando a configuração da rede para a fraca utilização. “É uma circular muito externa e o desvio é penalizante. As portagens são uma condicionante e a distância não compensa”, observou.

São 240 mil as pessoas que

entram diariamente na cidade do Porto – um número superior à população residente – e a principal ligação norte-sul é feita pelo interior do Porto. “Visualmente, consegue perceber-se que as alternativas não são viáveis”, refere o docente.

De acordo com o estudo de José Pedro Tavares, as zonas do Marquês e Antero de Quental têm uma forte procura todo o dia. Mas também no final da Rua da Constituição, no cruzamento com a Avenida de França e até à rotunda da Boavista, se verifica uma afluência constante.

LIGADAS AO VEÍCULO

Por outro lado, a utilização do transporte público, que com a implementação do passe único registou um aumento de passageiros, continua a não ultrapassar os 11% de utilização. Este fator agrava a situação. E mesmo acreditando que “a rede de transportes públicos é boa”, José Pedro Tavares afirma

que “as pessoas ainda estão muito ligadas ao veículo”, justificando assim a fraca utilização dos transportes.

Em Lisboa, a Autarquia baixou o valor dos passes sociais em setembro e, segundo a Câmara, “é provável que o número de carros a entrar e a circular na capital tenha diminuído”. Prevê-se que, até 2030, a utilização dos transportes suba dos 25% para 30%.

Em Lisboa, o cenário é idêntico. Diariamente, entram na capital 370 mil veículos, que se somam aos 200 mil que já circulam na cidade. Grande parte dos veículos chega da margem sul do Tejo, mas só pela A1 entram 100 mil. Os números do relatório de tráfego na rede nacional de autoestradas do Instituto da Mobilidade e dos Transportes mostram que pela Ponte 25 de Abril passam, em média, mais de 143 mil carros por dia, número que se mantém constante ao longo do ano. ●

*COM SOFIA CRISTINO

PORMENORES

3,4

milhões de viagens por dia em toda a Área Metropolitana do Porto, efetuadas com recurso ao automóvel, ao transporte público ou à moto.

255

mil viagens por dia no Porto

Cerca de metade delas são feitas com recurso ao carro em detrimento do transporte público.

30%

de utilização do transporte público é quanto a Câmara de Lisboa prevê alcançar até 2030 para diminuir o número de carros na cidade.

TRANSPORTES

Passe único

Apesar da implementação do passe único ter contribuído para o aumento do número de passageiros, a taxa de utilização do transporte público no Porto não ultrapassa os 11%.

Passe família

O título familiar já está disponível em Lisboa mas permanece uma fantasia no Porto. Na capital, a medida está em vigor desde julho, e já foram vendidos 723 mil passes.



Nuno Santos, taxista no Porto, fica preso várias horas por dia no trânsito

“Não é só o trânsito. Também tem a ver com o civismo”

Nuno Santos Taxista há cerca de três anos aponta desrespeito pelas regras e carros de aluguer como causas da confusão

PORTO É final de tarde de quinta-feira e está a chover. Nuno Santos, 35 anos, taxista no Porto, começou a viagem há vinte minutos e ainda só conseguiu percorrer 500 metros. “Nasci e fui criado no Porto. Mas desde que trabalho como taxista com o meu pai tenho mais noção do que se passa”, confessa Nuno que, apesar de estar na profissão há apenas três anos e meio, já sente na pele o stress e o desgaste do trânsito intenso que marca o dia a dia da cidade.

“Não é só o trânsito. É um conjunto de coisas. Isto também tem a ver com o civismo. Há quem estacione em segunda fila durante horas ou ocupe as faixas do bus. Atrapalham a STCP e isso reflete-se também no resto do tráfego. Juntando a afluência de pessoas e de carros, é muito stressante”, especifica Nuno Santos, caracterizando o cenário como “um ciclo vicioso”.

Mal o semáforo passa para o verde já há quem buzine e

a tensão entre os condutores começa a tornar-se evidente. “Isto é um horror. As pessoas saem com pressa de casa e a partir daí é uma tempestade. Conduzem pior, mais nervosas e fazem asneiras”, justifica o motorista, ligado à Raditáxis.

Aos atrasos de última hora juntam-se os carros de aluguer que, para Nuno Santos, acentuam o cenário de caos. “São centenas de estran-

“O trânsito tem aumentado nos últimos cinco anos com o turismo”

“[A nova ponte] não vai adiantar de nada. O problema é o escoamento dos carros”

geiros que andam perdidos, dobrados sobre o volante e preocupados com o GPS, que viram sempre sem dar o pisca. É um pandemónio”, descreve, alertando para o aumento do perigo na estrada. “Há cerca de dois meses, estava a descer a Rua dos Clérigos e vinha um espanhol contra mim. Ele estava a subir a rua em contramão. Isso é gravíssimo. Subiu e acabou por estacionar no parque junto à Torre dos Clérigos”, recordou.

DESCONFIA DA NOVA PONTE

O taxista confirma que o conceito de hora de ponta deixou de existir. “No Porto, sabíamos que das oito às dez da manhã as pontes e os acessos estavam impossíveis. Agora, não. É o dia todo e as zonas críticas são a Baixa e as periferias”, rematou Nuno, mantendo-se cético quanto ao projeto da Ponte D. António Francisco dos Santos: “Não vai adiantar de nada. O problema é o escoamento dos carros”. **• A. C.**



Vítor Silva no meio da confusão do trânsito em Lisboa

“A capital nunca esteve tão caótica”

Vítor Silva Motorista da Uber diz que o aumento dos turistas deixou Lisboa sem condições para receber tantos carros

LISBOA Vítor Silva, 54 anos, motorista da plataforma Uber, não pode abrandar quando entra numa rotunda, no centro de Lisboa. “Ficam logo nervosos, começam a apitar e ainda não estamos na hora de ponta”, queixa-se. Para evitar estas situações, Vítor foge das horas de maior afluência de carros na cidade e sempre que pode conduz durante a noite, “quando a estrada está vazia e mais calma”, conta. Para o motorista, a capital “nunca esteve tão caótica”.

Sexta-feira é um dos piores dias para circular na capital. “Toda a gente leva o carro para ir de fim de semana. E o trânsito sente-se muito mais, principalmente a saírem de Lisboa”, explica, enquanto entra na Segunda Circular, uma das artérias com mais tráfego da cidade.

Apesar de estar há poucos meses a trabalhar no setor dos Transportes de Passageiros em Viaturas Ligeiras

Descaraterizados (TVDE), já circula de carro em Lisboa há cerca de 35 anos.

A zona junto ao centro comercial Amoreiras é uma das mais caóticas em termos de trânsito, por estar perto de alguns dos principais acessos rodoviários, mas “a pior é mesmo a zona da Baixa, de Santa Apolónia ao Cais do Sodré. É horrível, a cidade não tem condições para receber tantos carros e

“Só gente maluca é que gosta de Lisboa como está neste momento. É muito stressante”

“A Segunda Circular está toda esburacada e é uma via rápida! É vergonhoso”

o estado das estradas é péssimo. O chão está todo esburacado. A Segunda Circular também está cheia de buracos”, critica.

3200 NOVOS CONDUTORES

Além da falta de condições de alguns dos principais troços da cidade, o aumento do número de turistas em Lisboa também complicou o dia a dia do motorista. “Paramos junto a um hostel para deixar os clientes e o trânsito pára todo. Não vou deixar as pessoas a 500 metros do local. É muito stressante”, desabafa. O tráfego piorou, “sem dúvida”, garante, até porque há mais carros e pessoas a circular na cidade. A partir das 17 horas “qualquer parte de Lisboa é um caos” e nesse período de tempo opta por não trabalhar na plataforma da Uber.

Só este ano, a TVDE já atraiu mais de 3200 novos condutores, o que também contribuiu para o aumento do trânsito. **• S. C.**

Francisca
EX-VÍTIMA
DE VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA

HOJE FAÇA 1 MINUTO DE BARULHO PELAS
MAIS DE 30 VÍTIMAS QUE MORRERAM NO SILÊNCIO
ÀS 15H30 SAIA À RUA

MEQ
HUMANIZA-TE

jn.pt Diário, Ano 132, N.º 151, Preço: 1,10€ Quarta-feira 30 de outubro de 2019 Diretor Domingos de Andrade / Diretores-adjuntos Inês Cardoso, Manuel Molinos e Pedro Ivo Carvalho / Diretor de Arte Pedro Pimentel

JN
Jornal de Notícias

Luciana Abreu
Em busca de um novo amor
Atriz diz que tem o coração livre e que merece ser feliz **P. 39**

F. C. Porto
Conceição volta a deixar Marega de fora contra Marítimo **P. 43**

Sporting
Juve Leo critica Varandas mas abre porta ao diálogo **P. 45**

Entrevista
600 alunos atletas em unidades de alto rendimento **P. 42**

Tiago Brandão Rodrigues

Pediatras alarmados com estirpe rara de meningite

Procura duplicou e vacinas esgotam nas farmácias

Infarmed obrigado a fazer encomendas na Holanda

Sintomas semelhantes a gastroenterite. Há oito casos **P. 6 e 7**

ADSE precisa de mais 300 mil beneficiários até 2028 se quiser sobreviver sem défices

P. 4 e 5

Hospitais Rede colombiana roubava aparelhos de colonoscopia **P. 14**

Eurodeputados Portugueses chumbam apoio a migrantes **P. 9**

Agressões Professores pedem crime público **P. 8**

Meio milhão de carros entope o Porto todos os dias

Conceito de hora de ponta já não existe. Principais acessos estão permanentemente congestionados **P. 22 e 23**

Marquês Sócrates nega favor na ida de Vara para a CGD **P. 16**

Brexit Eleições no Reino Unido a 12 de dezembro **P. 30**

HOJE CASINO ESPINHO

Senta-te a Rir
JANTAR BUFFET

GOD
JOAQUIM MONCHIQUE

SOLVERDE
CINEMA MISTERY

APECATE realiza congresso em Faro

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	30/10/2019
Melo:	Opção Turismo Online	Autores:	Luís de Magalhães

URL: <https://opcaoturismo.pt/wp/apecate-realiza-congresso-em-faro/>

Início B4 APECATE realiza congresso em Faro

APECATE realiza congresso em Faro

Outubro 30, 2019

COMPARTILHE

Facebook

Twitter

A APECATE, a associação Portuguesa de Empresas de Congressos, Animação Turística e Eventos, representa diversos sectores da indústria turística onde se incluem empresas que concebem, escolheu realizar pela primeira vez na região algarvia o seu evento anual.

O 8.º Congresso da APECATE vai reunir, durante dois dias, os mais de 200 participantes de empresas nacionais especializadas em eventos de animação turística, para além de discutirem temas de relevante interesse para o sector da actividade turística, poderão visitar e experienciar os principais produtos turísticos que o destino Faro tem para promover aos visitantes e turistas, com destaque para o património histórico, arquitectónico, a cultura, a gastronomia, o lazer, e em particular o turismo de natureza com a beleza das ilhas Deserta, Culatra, Farol, e de Faro, localizadas no Parque Natural da Ria Formosa.

A procura turística em Faro confirma a sua centralidade e importância estrutural na Região, correspondendo a cerca de 6% da procura regional. Em termos de evolução de alojamento no concelho, a capacidade de oferta passou de 2.010 em 2014 para 6.593 em 2019 (até Setembro), correspondendo a um total de 731 unidades de alojamento (76 em 2014). Em termos de dormidas registadas no concelho, regista-se um aumento em todas as tipologias de alojamento: dados oficiais: 544.676 dormidas em 2018 mais 28.526 do que 2017, equivalente a um aumento de 5,52%.

COMPARTILHE

Facebook

Twitter

tweet

Luís de Magalhães

Património algarvio esculpido na SandCity

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 30/10/2019

Melo: Correio de Lagos Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=845891cf>

A Fortaleza de Sagres, as escarpas da costa vicentina, a milenar indústria conserveira de Portimão e a paisagem da Serra de Monchique são alguns dos elementos que foram esculpidos na SandCity, em Lagoa, numa homenagem à história e à cultura do Algarve.

Estas esculturas foram realizadas no âmbito do projecto "Valorização do Património Histórico e Cultural Algarvio", desenvolvida em parceria com a Direcção Regional de Cultura do Algarve e vários municípios com o objectivo de criar uma sinergia entre os vários espaços culturais do Algarve.

Por outro lado, sendo A volta ao mundo o tema da exposição de areia da SandCity, em que estão retratados vários continentes e países, a representação do património do Algarve é, também, uma forma de sensibilizar os visitantes para o que está mais perto.

Na SandCity pode ser vista a maior exposição de escultura em areia já construída, num espaço de cerca de seis hectares, em que 65 mil toneladas de areia foram transformadas em esculturas detalhadas e de grandes dimensões que ilustram monumentos, animais e pessoas de várias partes do mundo.

Para este projecto de valorização do património algarvio foram, até agora, utilizadas vinte mil toneladas de areia esculpidas, por exemplo, num pescador que apanha percebes num rochedo característico da costa vicentina, batido pelas ondas do mar ou figura de uma moura encantada que terá originado uma fonte de água termal.

Ao nível do património arquitectónico do Algarve pode ver-se, além da Fortaleza de Sagres, a Capela de Santa Guadalupe, construída em meados do século XV, o Farol do Cabo de São Vicente, situados no concelho de Vila do Bispo, e as chaminés de saia de Monchique.

A indústria conserveira, que teve grande importância na economia algarvia, está representada através de elementos da sua história, desde o romano que salga peixe para o colocar em ânforas até à operária da fábrica La Rose, em Portimão, que, em meados do século XX, coloca as sardinhas na lata.

A SandCity, encerra a 8 de Novembro e, até lá, está aberta todos os dias das 10:00h às 19:00h, oferecendo várias actividades lúdicas e culturais para todas as idades e desconto de 50% para todos os residentes do Algarve, ficando assim o bilhete por 5,95 euros para adultos e 2,95 euros para crianças.

Em novembro centro histórico de Faro transforma-se num festival de luz

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 30/10/2019

Melo: Algarve Primeiro Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=b3b7adbf>

À terceira edição, o LUZA Festival (Algarve International Festival of Light), chega a Faro nos dias 14, 15 e 16 de novembro, numa produção da ByBeau Studio e da Eventors' Lab, com apoio da Câmara Municipal de Faro e do Programa 365 Algarve.

Artistas de mais de 12 nacionalidades participam no evento, onde serão apresentadas 3 obras através do projeto LUZA Lab, entre dezenas de candidaturas. Do programa consta ainda diversos workshops para todas as idades.

De salientar a participação da organização internacional Women in Lighting com o projeto, "Guerrilla Lighting", estando confirmada a participação na conferência "Working with light", ao lado de Mark Killeen, James Klinge e Bruno Inácio da autarquia de Faro.

A abertura do evento é às 18h30, na Marina de Faro, depois das 19h30 às 22h30 acontece "Light Sound" LUZALAB com Raquel Fradique na Fábrica da Cerveja e às 20h30 "Apresentação às Estrelas" - um projeto do Centro Ciência Viva do Algarve (com entrada paga).

No dia 15 de novembro entre as 16h00 e as 17h00, está previsto o LUZA kids _ Workshop de Criação de Hologramas by Museu Zer0 na Fábrica da Cerveja, um workshop para crianças até aos 12 anos inclusive, com limite de participação de 20 pessoas, que terão de se inscrever previamente através do info@luzafestival.com

Às 18h30 acontece a abertura do 2º dia do Festival com outro Workshop para explicação do conceito Guerrilla, preparação e ensaios com ponto de encontro na Fábrica da Cerveja, o workshop tem um limite de 40 pessoas, que terão de se inscrever previamente através do info@luzafestival.com.

Das 19h30 às 22h30 há lugar para o "Light Sound" LUZALAB com Raquel Fradique na Fábrica da Cerveja. Às 23h00 o convite é para uma "After Party" com DJ A Elliott with Guests na Fábrica da Cerveja (com entradas pagas).

No último dia, 16 de novembro, das 10h30 - 12h30 será tempo para "Desenhos de Luz", projeto do Centro Ciência Viva do Algarve (com entrada paga). Das 15h30 às 17h30 decorre a conferência "Working With light" na Fábrica da Cerveja das 16h00 às 17h00, o LUZA kids _ Workshop de criação de hologramas by Museu Zer0 na Fábrica da Cerveja, para crianças até aos 12 anos inclusive, com limite de participação de 20 pessoas, que terão de se inscrever previamente através do info@luzafestival.com.

A abertura do 3º dia está marcada para as 18h30, e às 19h00, há outro workshop a ter em conta com a "Introdução à arte Light Painting Photography" com ponto de encontro no Hotel Faro, e um limite de 20 pessoas, que terão de se inscrever previamente através do info@luzafestival.com.

Das 19h30 às 22h30 o programa reservou "Light Sound" LUZALAB com Raquel Fradique na Fábrica da Cerveja, às 21h30 decorre Pixsom by ARCMúsicos na Fábrica da Cerveja, e às 23h00 o Festival encerra na "After Party" com DJ A Elliott with Guests na Fábrica da Cerveja (com entradas pagas).

LUZA muda-se para Faro e aposta forte na arte interativa

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	30/10/2019
Melo:	Sul Informação Online	Autores:	Hugo Lopes Rodrigues

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=4d65f1ed>

Festival Internacional de Luz trará artistas de 12 países a Faro

Mais interatividade, muita luz, DJ internacionais e, até, um ator do Game of Thrones. Tudo isto e ainda mais vão caber na programação de mais um LUZA - Algarve International Festival of Light, que vai decorrer de 14 a 16 de Novembro, desta feita, em Faro.

Depois de ter decorrido dois anos em Loulé, o evento muda-se para a vizinha Faro, com o objetivo de ganhar escala e para aproveitar as dinâmicas próprias da capital de distrito e de uma cidade que alberga muitos serviços e uma universidade.

A edição de 2019 do LUZA foi apresentada ontem, dia 29, na Fábrica da Cerveja, na Vila-Adentro de Faro, que será o ponto nevrálgico deste evento, que se irá espalhar por diversos pontos do centro histórico fareense.

E Beau McClellan, artista escocês há muito radicado no Algarve e que é o grande impulsionador do festival, sabe bem ao que vem.

A grande novidade, este ano, é uma maior aposta na interatividade. Vamos puxar muito por aí , avisou, numa conversa com os jornalistas, à margem da apresentação do LUZA.

Beau McClellan

Nas primeiras duas edições, fizemos algumas coisas interativas e notámos que havia muita gente que gostava de fazer parte da arte. Todos nós temos qualquer coisa de artista. E quando facilitamos esta ligação, as pessoas aproveitam , enquadrou.

Esta interação, além de promover um contacto direto do público com as instalações de luz e uma participação destes no processo de criação artística, também fomenta o convívio, já que algumas das atividades são colaborativas, algo que é fundamental para deitar abaixo as barreiras .

Vamos fazer coisas incríveis, nomeadamente aqui na Fábrica da Cerveja , prometeu o responsável pela ByBeau Studio, que organiza o evento em parceria com a Eventors' Lab e com apoio da Câmara de Faro e do "365Algarve".

Com a mudança para Faro, também houve um aumento de escala . Por outro lado, os organizadores do evento, vão, finalmente conseguir ter After Parties com DJ internacionais, algo que não foi possível em Loulé. Tendo em conta que a minha vida, no passado, esteve muito ligada à música, esta união entre o som e a luz é algo que considero fundamental .

Apesar disso, como seria de esperar, o grande enfoque do festival continuam a ser as instalações de luz, que serão trazidas até Faro por 17 conceituados artistas de 12 países. Além de Beau McClellan, o festival contará com artistas como Kim von Coels, Tom Dekyvere, LedControl, Raquel Fradique e Mr.

Beam, entre muitos outros. A lista completa de instalações pode ser consultada aqui.

Haverá, igualmente, espaço para os novos valores, com a exposição de peças de jovens artistas que apresentaram propostas no âmbito do Luzalab . Do programa constam ainda workshops para todas as idades (ver programa completo abaixo ou aqui).

Da esquerda para a direita: Paulo Santos, Rogério Bacalhau, Ana Fernandes, Anabela Afonso e Beau McClellan

A organização salienta, ainda, a presença da organização internacional Women in Lighting com o projeto, "Guerrilla Lighting". Elementos desta organização de mulheres designers de luz vai participar em mais uma conferência "Working with light", ao lado de Mark Killeen, ator que teve uma breve passagem na série de culto Game of Thrones, de James Klinge, um dos mais conceituados street artists da Escócia , e de Bruno Inácio, da candidatura da Câmara de Faro a capital europeia da cultura.

Quanto à mudança de Loulé, cidade onde Beau McClellan mantém o seu estúdio, para Faro, foi uma questão de estratégia. Eu adoro Loulé, ocupa um lugar especial no meu coração. Foi muito bom para os dois primeiros anos. Mas quisemos aproveitar a oportunidade de fazer o evento numa cidade como Faro, com mais público, mais gente, e projetar o festival , disse o artista escocês radicado no Algarve.

Neste momento, Faro é uma cidade muito acesa, que tem elementos arquitetónicos incríveis. Lisboa e Porto estão acesas, Faro vem depois. Abre-nos grandes oportunidades , explicou.

A questão do património é muito importante, não só por [os edifícios] serem telas em branco. Nós pensamos, à partida, qual o artista que funcionará melhor nos diferentes espaços escolhidos para a realização do festival. Não se trata de atribuir um espaço qualquer aos artistas. Nós encontramos artistas específicos para cada elemento patrimonial .

Por outro lado, em Faro temos sempre movimento de pessoas, mesmo quando não se passa nada. Em Loulé, nos dias em que estávamos a fazer a instalação das peças, não se via ninguém. No fim-de-semana do evento passaram por lá 30 mil pessoas. Aqui em Faro, já há esta quantidade de gente. Só precisamos de trazer este público para o pé das nossas instalações .

Em Loulé, a questão é que é sempre necessário trazer muita gente de fora. E funciona, foi excelente. Mas, em Faro, nós não precisamos de nos focar tanto nesse aspeto, porque as pessoas já cá estão , reforçou Beau McClellan.

Faro, através do seu presidente de Câmara Rogério Bacalhau, agradece a possibilidade de ter este projeto , onde se aliará a beleza da luz à nossa vivência e ao nosso património . Já Anabela Afonso, comissária do "365Algarve", apontou o LUZA como sendo um bom exemplo do que são os objetivos do programa de animação cultural da região na época baixa do turismo que gere, uma vez que provou que através da cultura, os territórios podem ser atrativos , mesmo quando não há sol e praia.

Anabela Afonso e Beau McClellan

Fotos: Hugo Rodrigues|Sul Informação

Programa

14 de Novembro

- 18h30 Abertura Oficial do LUZA na Marina de Faro
- 19h30/21h00/22h30 "Light Sound" LUZALAB - Raquel Fradique na Fábrica da Cerveja
- 20h30 "Apresentação às Estrelas" - um projeto do Centro Ciência Viva do Algarve (com entrada paga)

- 00h00 Encerramento do 1º dia do LUZA

15 de Novembro

- 16h00 - 17h00 LUZA kids - Workshop Criação de Hologramas by Museu Zer0, na Fábrica da Cerveja
(Nota: workshop para crianças até aos 12 anos inclusive, com limite de participação de 20 pessoas, que terão de se inscrever previamente através do info@luzafestival.com)

- 18h30 Abertura do 2º dia LUZA

- 18h30 - 21h00 Workshop para explicação do conceito Guerrilla, preparação e ensaios - Ponto de Encontro na Fábrica da Cerveja / Guerrilla Lighting - Local: Rua António Maria Laboia
(Nota: o workshop tem um limite de 40 pessoas, que terão de se inscrever previamente através do info@luzafestival.com)

- 19h30/21h00/22h30 "Light Sound" LUZALAB - Raquel Fradique na Fábrica da Cerveja

- 00h00 Encerramento do 2º dia do LUZA Festival

- 23h00 - 4h00 After Party _ DJ A Elliott with Guests na Fábrica da Cerveja (com entradas pagas)

16 de Novembro

- 10h30 - 12h30 "Desenhos de Luz" - um projeto do Centro Ciência Viva do Algarve (com entrada paga)

- 15h30 - 17h30 Conferência "Working With light" na Fábrica da Cerveja

- 16h00 - 17h00 LUZA kids _ Workshop Criação de Hologramas by Museu Zer0 na Fábrica da Cerveja
(Nota: workshop para crianças até aos 12 anos inclusive, com limite de participação de 20 pessoas, que terão de se inscrever previamente através do info@luzafestival.com)

- 18h30 Abertura 3º dia LUZA

- 19h00 - 21h00 Workshop "Introdução à arte Light Painting Photography " Ponto de encontro Hotel Faro

(Nota: o workshop tem um limite de 20 pessoas, que terão de se inscrever previamente através do info@luzafestival.com)

- 19h30/21h00/22h30 "Light Sound" LUZALAB - Raquel Fradique na Fábrica da Cerveja

- 21h30 - 00h00 Pixsom by ARCMúsicos na Fábrica da Cerveja

- 00h00 Encerramento do LUZA Festival

- 23h00 - 4h00 After Party _ DJ A Elliott with Guests na Fábrica da Cerveja (com entradas pagas)

Hugo Rodrigues